

## **Das asas do pombo-correio às vias do ciberespaço: uma reflexão sobre os novos gêneros discursivos e sua importância em contexto contemporâneo**

Leidiane Marques de AGUIAR<sup>1</sup>  
Francieli Motter LUDOVICO<sup>2</sup>

### **Resumo**

Este artigo tem por objetivo apresentar algumas reflexões sobre a linguagem pelo viés sociológico proposto por Mikhail Bakhtin. Para isso faremos uma tessitura de cunho teórico em torno dessa concepção, por meio de uma visão da linguagem como prática social. Considerando ainda a mudança cultural e linguística que estamos vivenciando diante o crescente avanço tecnológico, discutiremos conceitos sobre o ciberespaço e as mudanças que este espaço tem provocado no processo lingüístico dos sujeitos contemporâneos. Desse modo, tomaremos, por exemplo, o *e-mail* como um gênero midiático de grande importância nesse contexto de novas produções enunciativas. Partindo do exemplo dado, finalizaremos o artigo tecendo algumas considerações sobre a importância de uma prática docente que trabalhe os diferentes gêneros midiáticos em sala de aula. Para a produção deste estudo serão trazidos à discussão autores como Marcuschi (2008, 2010) Bakhtin (2003, 2004) Lévy (2001, 1999, 1996), Paiva (2010), Dal Molin (2003) Caldas (2007), Ribeiro (2009) e Anjos (2006), entre outros.

**Palavras-chave:** Bakhtin. Gêneros discursivos. Ciberespaço. *e-mail*. prática docente

### **Abstract**

This paper aims to present some reflections on language by the sociological bias proposed by Mikhail Bakhtin. For this we will make a theoretical weaving around this conception, by a view of language as a social practice. Considering also the cultural and linguistic change we are experiencing on the growing technological progress, we will discuss the concepts of cyberspace and the changes that this space has caused in the linguistic process of contemporary subjects. Thus, we take, as example, the e-mail as a

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste. E-mail: leidimarques@hotmail.com.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste. E-mail: franludovico@hotmail.com.

media genre of great importance in this new enunciative productions context. Following the example given, the article will conclude weaving some considerations about the importance of a teaching praxis that works with different media genres in the classroom. For the production of this study it will be brought to discussion authors such as Marcuschi (2008, 2010), Bakhtin (2003, 2004), Lévy (2001, 1999, 1996), Paiva (2010), Dal Molin (2003), Caldas (2007), Ribeiro (2009), and Angels (2006), among others.

**Key-words:** Bakhtin. Discursive genres. Cyberspace. e-mail. teaching praxis

## Introdução

Estamos vivenciando uma mudança cultural muito grande, a chamada era da comunicação virtual, a era da comunicação *on-line*. É inegável como a tecnologia tem avançado em diversos campos do mundo humano, na esfera social, cultural, econômica, política, e evidencialmente na produção do saber, portanto, no mundo da linguagem. Hoje, com o uso cada vez mais crescente de computadores, smartphones, aplicativos disponíveis, web sites, grupos de interesse, é impossível negar que essa era tem provocado uma multiplicidade de formas de pensar, agir e de se comunicar.

Há inúmeros discursos propagando a tese de que as tecnologias têm prejudicado a comunicação e o aspecto lingüístico dos falantes contemporâneos. A respeito desses discursos clichês com o intuito de atribuir à tecnologia a culpa pela falta de habilidade e domínio da língua, Ribeiro (2009) acrescenta:

Dizer que a escrita dos aprendizes (ou das pessoas, em geral) tem piorado porque a internet é um ambiente que “acostuma ao mau uso” ou porque ela fornece maus exemplos é intrigante. Em primeiro lugar porque “exemplos de mau uso” da escrita são tão fáceis de encontrar na internet quanto no “mundo real”. [...] A *web* não pode ser, portanto, “culpada” de tudo o que não acontece na aprendizagem dos gêneros escritos que demandam usos mais padronizados da língua (RIBEIRO, 2009, p.580-590).

Vemos, no entanto, que esses discursos são improcedentes, pois deixam de considerar que o uso dos recursos midiáticos tem descentralizado as informações e potencializado o ato de comunicação, visto algumas características bem importantes, tais como: velocidade dos discursos, baixo custo das informações, criação de comunidades discursivas e capacidade assíncrona e síncrona de veiculação.

Falar em mudanças culturais, em práticas sociais é inevitavelmente falar em

linguagem, pois o homem se constitui como se humano historicamente constituído pela capacidade de linguagem que possui, e toda e qualquer manifestação do pensamento só acontece por meio da língua.

Faz-se necessário então, pensarmos a linguagem para além da escrita e da oralidade, como forma de transmutar essa ideia, partindo para algo que é virtual, contemporâneo, da prática social, do homem hodierno. Trataremos neste artigo da linguagem na perspectiva bakhtiniana, da língua como prática do ser histórico-social, dos pressupostos do ciberespaço e posteriormente analisaremos o *e-mail* como um novo gênero emergente do gênero preexistente *Carta*. Concluiremos o presente estudo com uma discussão sobre a importância de o professor trabalhar com os novos gêneros dentro de sala de aula. Faz-se necessário pensarmos a linguagem por meio da visão da enunciação nos diversos gêneros midiáticos emergentes do contexto digital.

Conforme Pierre Lévy “A partir da **invenção da linguagem**, nós, humanos, passamos a habitar um **espaço virtual**, o fluxo temporal tomado como um todo, que o imediato presente atualiza, apenas parcialmente, fugazmente. **Nós existimos**” (LÉVY, 1996, p.70, grifos nossos).

## 1 A linguagem para Bakhtin e os gêneros discursivos

Pensar a linguagem na concepção bakhtiniana é pensar, sobretudo, em sujeito. Sujeito esse, protagonista de suas ações, de suas relações com a sociedade e tomado de diversos enunciados que se revelam por meio de seus discursos. Para Bakhtin, não há como ver a língua dissociada de seus locutores (aqueles que falam ou escrevem) e interlocutores (aqueles que lêem ou escutam). Existe nessa interação locução/interlocução uma relação dialógica e uma mensagem compreensível entre as partes. Aquele que escreve interage com aquele que lê, e esse por fim responde e produz sentidos por meios de pensamentos e novos enunciados.

Para ele, a noção de língua é discursiva e ultrapassa a ideia da língua como sistema homogêneo e estável, patrimônio social que não pode ser alterado, e se configura com um lugar de interação humana, lugar onde os sujeitos materializam suas necessidades discursivas. Nas palavras de Bakhtin, “a língua, no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida” (BAKHTIN, 2004, p.95).

Assim sendo, não pode ser separada de seus falantes, nem ao menos de suas esferas sociais e de seus pressupostos ideológicos.

Há, portanto, introduzida nessa ideia da língua como ato social e ideológico, diferentes esferas sociais nas quais a língua, por meio dos gêneros discursivos, se materializa. Cada esfera, de acordo com seus valores ideológicos e funções, irá contemplar os diversos gêneros que circularão diferentes discursos. Esses, sejam eles orais ou escritos, não se limitam a somente uma esfera e abarcam diferentes textos com características formais e discursivas específicas.

Os gêneros são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício de poder. Pode-se, pois, dizer que os gêneros textuais são nossa forma de inserção, ação e controle social no dia-a-dia (MARCUSCHI, 2008, p.161).

É impossível o homem não se comunicar senão por algum gênero discursivo e não há como calcular o número exato de gêneros existentes, pois nas palavras de Marcuschi (2008) eles são dinâmicos, sócio-históricos e de complexidade variável.

Para Bakhtin:

A riqueza e a diversidade de gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da **multiforme atividade humana** e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, **que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo** (BAKHTIN, 2003, p.262, grifos nossos).

É nessa riqueza, diversidade e complexidade sugerida por Bakhtin que os gêneros emergentes da mídia virtual tomam seu espaço na sociedade contemporânea, pois conforme o autor tais gêneros são frutos da multiforme atividade humana e de sua relação com os campos da vida social e, então, da ação humana, tal como a ciência e a técnica.

## 2 O ciberespaço e a linguagem globalizada

Antes de adentrarmos a discussão dos gêneros emergentes, mais propriamente do *e-mail*, é importante tratarmos do contexto cibernético, que tem se evidenciado ainda mais nas últimas décadas, com o surgimento dos nativos digitais. Ademais, precisamos

compreender a linguagem globalizada como fruto desse contexto, desprovida do sistema linear, tão enraizado em nossas concepções lingüísticas.

A palavra “ciberspaço” foi inventada em 1984 por Willian Gibson em seu romance de ficção científica *Neuromante*. No livro, esse termo designa o universo das redes digitais, descrito como campo de batalha entre as multinacionais, palco de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural. Em *Neuromante*, exploração do ciberspaço coloca em cena as fortalezas de informações secretas protegidas pelos programas ICE, ilhas banhadas pelos oceanos de dados que se metamorfoseiam e são trocados em grande velocidade ao redor do planeta.[...] O termo foi imediatamente retomado pelos usuários e criadores de redes digitais (LÉVY, 1999, p.92).

O ciberspaço tem se tornado importante veículo para a comunicação global nas interações estabelecidas no cotidiano. O sujeito de Bakhtin, por meio desse espaço, participa ativamente da construção do conhecimento, do pensamento, dos enunciados e torna-se capaz de interagir com diversas pessoas no mundo inteiro por uma interligação mundial de computadores. Nas palavras de Marcuschi, “O espaço cibernético tem se tornado um lugar essencial, um futuro próximo de comunicação e de pensamento humano” (MARCUSCHI, 2010, p.152).

Neste contexto, a internet e suas possibilidades lingüísticas tem tornado-se um dos meios de difusão de mensagens mais acessíveis do planeta e tem possibilitado uma melhora significativa na comunicação e interconexão dos seres humanos.

A extensão e o adensamento das redes de transporte e de comunicação se manifestam por um processo de interconexão geral que implica um retraimento do espaço prático, e, no mesmo movimento, uma aproximação dos humanos e um alargamento de suas perspectivas: eis aí, em suma, a essência do processo de planetarização. Há, assim, um sentido da história. Ele não reside necessariamente em um aumento demográfico indefinido. O número de seres humanos irá provavelmente se estabilizar em algumas décadas. Sua essência não é, forçosamente, a busca infinita de um crescimento econômico mensurável em mercadorias produzidas, em matérias-primas utilizadas ou em energia consumida, embora seja provável que o crescimento quantitativo dos bens materiais se estabilize bem mais tarde que o do número de pessoas. O que me parece que deve crescer sempre é a melhoria qualitativa da comunicação e da interconexão entre os seres humanos. Uma tecelagem cada vez mais fina da consciência coletiva (LEVY, 2001, p.41).

Importante recorrer ainda à ideia de inteligência coletiva que a rede oferece a seus usuários. Para Pierre Lévy o conhecimento pertence à humanidade e não está depositado em um único reservatório. Conforme o autor cada pessoa é um estoque de conhecimento.

Sobre essa concepção de inteligência coletiva, temos:

[...] cada pessoa é um estoque de conhecimentos, o qual, até sua morte, estará sempre crescendo. O interessante é que ao lançar um olhar mais amplo, percebe-se que cada pessoa tem um estoque de conhecimentos diferente, pois cada uma tem uma história de vida diferente, tem traçado caminhos diferentes, tem leituras de livros diferentes e entendimentos diferentes de leituras, as reações e os sentimentos também são diferentes para cada uma, com isso, são milhares e milhares de coisas que cada pessoa vive e conhece de maneira diferente de todas as outras pessoas (ANJOS, 2006, p.32).

Parece-nos pertinente aqui pensarmos essa visão relacionada à visão da linguagem do círculo bakhtianiano, pois o sujeito torna-se um estoque de enunciados pertencente à humanidade e se constrói coletivamente por meio das interações *online* e da comunicação em teia.

Nesse sentido, entendemos seja importante tratar os gêneros emergentes como possibilidade para esse estoque de enunciados, visto que são gêneros muito usados pelas novas gerações.

### **3 O gênero emergente e-mail e a importância de uma práxis<sup>3</sup> docente que considere os gêneros midiáticos em sala de aula**

Podemos conceituar novos gêneros emergentes do ciberespaço. Os chats, as videoconferências, os vídeos clipes, as telenovelas, os *e-mails* e os blogs são exemplos de novos gêneros proliferados na mídia digital. É sabido que esses gêneros são

---

<sup>3</sup> Do ponto de vista da *práxis* humana, total, que se traduz na produção ou autocriação do próprio homem, a *práxis* criadora é determinante, já que é exatamente ela que lhe permite enfrentar novas necessidades, novas situações. O homem é um ser que tem que estar inventando ou criando constantemente novas soluções. Uma vez encontrada uma solução, não lhe basta repetir ou imitar o que ficou resolvido; em primeiro lugar porque ele mesmo cria novas necessidades que invalidam as soluções encontradas e, em segundo lugar porque a própria vida com suas novas exigências se encarrega de invalidá-las. [...] A repetição se justifica enquanto a própria vida não reclama uma nova criação (VÁZQUEZ, 1977, p. 247).

“transmutações”<sup>4</sup> de outros gêneros já existentes. No entanto, escolhemos discorrer sobre o gênero emergente *e-mail*, pois conforme Lévy (1999) “as funções de troca de mensagens encontram-se entre as mais importantes e mais usadas no ciberespaço” (LÉVY, 1999, p.94).

Essencial inferir ainda que tal discussão vem fomentar e exemplificar a ideia que apresentamos no início desse artigo: de que a tecnologia tem possibilitado novas formas de comunicação e manifestação da linguagem.

Das asas do pombo-correio às vias do ciberespaço, parte do título desse artigo, faz referência à transmutação do gênero discursivo *Carta* para o gênero *e-mail*, que podem ser considerados gêneros semelhantes do ponto de vista estrutural e funcional.

A transmissão de mensagens foi também mediada por aves. É sabido que muitos povos trocavam mensagens utilizando pombos-correios, grous e andorinhas, soltando os pássaros depois de pintá-los com cores de determinado significado, de acordo com um código estabelecido (PAIVA, 2010, p.82).

Se inicialmente a veiculação das mensagens era feita por pombos-correios e há algum tempo, nossos avôs, pais e familiares escreviam cartas que demoravam meses para chegar ao interlocutor desejado, hoje, com o advento da internet e do discurso eletrônico é possível comunicar-se com outras pessoas, amigos, familiares diariamente de forma assíncrona, ao redor do mundo todo pelo *e-mail*.

Segundo Paiva (2010):

O e-mail, ou mensagem eletrônica, surgiu em 1971, quando Ray Tomlinson enviou a primeira mensagem de um computador para outro, utilizando o programa SNDMSG que ele acabara de desenvolver. [...] Foi também Tomlinson quem escolheu o símbolo @ para sinalizar a localização do endereço de cada usuário. (PAIVA, 2010, p.86)

Conforme Marcuschi (2008) o *e-mail* está hoje entre os gêneros mais praticados na escrita. Essa constatação se justifica, pois, apesar da internet não ser a realidade de

---

<sup>4</sup> Termo apresentado por Marcuschi em seu livro *Hipertexto e Gêneros Digitais: novas formas de construção de sentido*.

muitos por fatores socioeconômicos, há inúmeros projetos governamentais de imersão tecnológica, seja por meio de sinais gratuitos de internet, pontos de acesso em lugares públicos, entre outros programas.

O uso de correios eletrônicos tornou-se peça fundamental nas interações discursivas entre os sujeitos. É difícil encontrarmos um sujeito que não possua seu endereço eletrônico. Além disso, o e-mail tornou-se primordial nas interações entre professores e alunos, organizações e instituições comerciais. Nas palavras de Gannon-Leary apud Paiva (2010):

É um meio de comunicação cada vez mais poderoso e eficiente com o potencial de tornar-se um dos principais meios de comunicação para a maioria das pessoas, É pessoal e informal e tem o poder de transformar alguém de receptor passivo em um participante ativo de discussões on-line (GANNON-LEARY apud PAIVA, 2010, p.92).

A ideia de transmutação apresentada anteriormente nesse artigo revela a grande semelhança do gênero *e-mail* com outros gêneros como as cartas, bilhetes e avisos, todavia pensar no gênero *e-mail* requer considerar que, apesar da semelhança com outros gêneros discursivos, tem trazido consigo novas características estruturais, o que lhe confere ser um novo gênero discursivo. Ele ultrapassa a noção de gêneros orais e escritos, pois se configura como uma transgressão entre os dois. Conforme Jonsson apud Marcuschi (2010):

Os e-mails introduzem traços inteiramente novos para a comunicação, tais como a colagem gerada pelo software, postagem cruzada e encadeamentos. Os e-mails não se conformam aos domínios tradicionais do discurso oral e escrito, mas transgridem constantemente os limites entre os dois. Assim, pode-se dizer que o e-mail cria seu próprio domínio discursivo no território da comunicação (JONSSON apud MARCUSCHI, 2010, p.50).

A visão de transgressão entre o escrito e o oral se dá pelo fato desse tipo de gênero apresentar dentre alguns aspectos importantes como: interatividade, velocidade dos enunciados, livre trânsito pelo ciberespaço, capacidade de armazenamento e reelaboração dos enunciados, uma possibilidade de veiculação e hipertextualização de outros gêneros como músicas, fotos, e arquivos orais por meio de hiperlinks

introduzidos nos enunciados ou arquivos anexados por meio do recurso de anexação oferecido pelos provedores de *e-mail*.

Vale ressaltar que muitos outros recursos se apresentam com o gênero emergente *e-mail*. Se antes, ao não recebermos resposta das cartas, pensávamos que o interlocutor poderia não ter recebido, hoje, podemos com alguns recursos de confirmação de leitura, oferecidos por alguns provedores de mensagens eletrônicas, saber do momento em que o interlocutor recebe nosso enunciado e assim concretizarmos discursos mesmo que silenciosos.

Diante da discussão apresentada neste artigo, por meio de uma visão de transmutação e transgressão entre o gênero *Carta* e o gênero *e-mail*, chegamos ao cerne do presente estudo que é o de refletir sobre uma práxis linguística condizente com a contemporaneidade. Trabalhar com gêneros discursivos em sala de aula, além de ser um dos pressupostos das Diretrizes Curriculares Estaduais (DCE/PR) já é um consenso entre os professores da atualidade.

No processo de ensino-aprendizagem, é importante ter claro que quanto maior o contato com a linguagem, nas diferentes esferas sociais, mais possibilidades se tem de entender o texto, seus sentidos, suas intenções e visões de mundo. A ação pedagógica referente à linguagem, portanto, precisa pautar-se na interlocução, em atividades planejadas que possibilitem ao aluno a leitura e a produção oral e escrita, bem como a reflexão e o uso da linguagem em diferentes situações. Desse modo, sugere-se um trabalho pedagógico que priorize as práticas sociais (Diretrizes Curriculares Estaduais/PR, 2008, p.55).

No entanto, há muito que avançarmos nesse sentido, pois precisamos abrir o leque de possibilidades e entender que nosso estudante faz parte de um novo contexto social. Trabalhar o bilhete, a carta e o aviso se faz importante para a aquisição da linguagem, de modo a possibilitar ao aluno uma aptidão a diferentes condições de produção dos enunciados, entretanto o ensino de língua não deve se limitar a isso. É preciso que tragamos para o ensino de língua, diversos gêneros que se fazem presente no uso cotidiano desse aluno, assim como é caso do *e-mail*.

Sabemos que não há uma resposta exata quanto ao tipo de gênero discursivo a ser ensinado dentro das salas de aulas. Sendo assim, a multiplicidade de gêneros discursivos se torna essencial para a formação do aluno como sujeito em diferentes

situações comunicativas. É preciso, ainda, que nós educadores consideremos essa realidade de mudança na linguagem e na sociedade e trabalhemos dentre os outros gêneros discursivos também os diversos gêneros midiáticos em sala de aula, pois temos nela indivíduos pertencentes a essa rede de conhecimento. Vejamos o que argumenta Dal Molin (2003) sobre esse novo cenário:

Por muitos séculos a humanidade valeu-se da oralidade como principal fonte de transmissão de suas idéias, saberes, conhecimento e cultura. Um outro longo período foi marcado pela escrita, que se associou à oralidade, operando transformações nas sociedades letradas e trazendo, além do conhecimento, inúmeras novas formas de relacionamento entre os povos. No momento em que vivemos, presenciamos o nascimento de uma outra forma de comunicação, em decorrência da qual, desde já, podemos observar profundos abalos no modo do ser e do fazer dos homens, das instituições e do conhecimento. Referimo-nos à tecnologia que marca uma nova era na trajetória da humanidade (DAL MOLIN, 2003, p.51).

Entretanto sabemos que muitos professores não estão tão familiarizados com os novos recursos tecnológicos, o que tem causado um embate no que diz respeito à linguagem e a prática social contemporânea. Não queremos aqui defender o ciberespaço em detrimento de outros suportes textuais, no entanto também não podemos fechar os olhos para os novos modos de produção dos discursos.

Caldas (2007) complementa a ideia:

Ao explorar a diversidade textual, o professor aproxima o aluno das situações originais de produção dos textos não escolares. Essa aproximação proporciona condições para que o aprendiz compreenda o funcionamento dos gêneros textuais, apropriando-se, a partir disso, de suas peculiaridades, o que facilita o domínio que deverá ter sobre eles. Além disso, o trabalho com gêneros contribui para o aprendizado de prática de leitura, de produção textual e de compreensão (CALDAS, 2007, p.4).

Nesse sentido, precisamos entender que o professor não é mais o detentor do conhecimento e das habilidades linguísticas, mas sim o mediador que oportuniza aos estudantes diferentes formas de materialização desses enunciados de modo que tragam sentido as suas produções cotidianas.

## Considerações finais

Com este trabalho apresentamos a ideia de linguagem do ponto de vista bakhtiniano, a noção da língua como interação social, portanto, do homem e sociedade e de suas produções enunciativas. Ademais, apresentamos uma abordagem do ciberespaço como o novo espaço de elaboração dos enunciados contemporâneos. Por meio do presente estudo, verificamos que mesmo tendo conformidades próximas do gênero Carta, o e-mail traz consigo características bem marcantes do espaço virtual, o que envolve desde a velocidade dos discursos até sua hipertextualização.

Vê-se, portanto, que as tecnologias da comunicação e informação têm alterado muito a maneira de como a linguagem tem se concretizado pelas novas gerações, no entanto há muito ainda no que avançarmos em questão de ensino da linguagem por gêneros textuais, pois há muitos professores que ainda não conseguiram situar-se no ensino da língua por meio dos novos gêneros discursivos, o que traria aos estudantes, melhor compreensão de uso, pois estariam adentrando ao campo que para esses já é terreno consagrado.

Desse modo, um novo modo de fazer pedagógico torna-se essencial diante das novas exigências impostas aos sujeitos contemporâneos de Bakhtin e Lévy, sujeitos permanente construção e alteração.

## Referências

ANJOS, Ideylson da Silva Vieira dos. **Introdução ao pensamento de Inteligência Coletiva de Pierre Lévy**. Monografia (Licenciatura em Filosofia) – Curso de Filosofia, Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande – MS, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CALDAS, Lilian Kelly. **Trabalhando tipos/gêneros textuais em sala de aula: uma estratégia didática na perspectiva da mediação dialética**. Disponível em: <[http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais16/sem03pdf/sm03ss16\\_09.pdf](http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem03pdf/sm03ss16_09.pdf)>. Acesso em jul.2014.

DAL MOLIN, Beatriz Helena. **Do tear à tela:** uma tessitura de linguagens e sentidos para o processo de aprendizagem. Tese (Doutorado em Engenharia da Produção, Área de Concentração em Mídia e Conhecimento) – Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2003.

LÉVY, Pierre. **A conexão planetária:** o mercado, o ciberespaço e a consciência. Tradução de Maria Lúcia Homem e Ronaldo Entler. São Paulo: Editora 34, 2001.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

\_\_\_\_\_. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. **Hipertexto e gêneros digitais:** novas formas de construção de sentido. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. E-mail: um novo gênero textual. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Hipertexto e gêneros digitais:** novas formas de construção de sentido. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da educação básica de língua portuguesa.** Disponível em: <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce\\_port.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_port.pdf)>. Acesso em jul. 2014.

RIBEIRO, Ana Elisa. Seis clichês e uma sugestão sobre a leitura na web. **Linguagem em (Dis)curso.** Palhoça, SC, v. 9, n. 3, p. 585-602, set./dez. 2009.

VÁZQUEZ, Adolfo. Sanches. **Filosofia da práxis.** Tradução de Simone Rezende da Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.